

Diante de um convite, uma ação direta!

When invited, perform a direct action instead

Edson Passetti

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO:

Apresenta-se o problema da segurança sob a reverberação de uma ação direta, contra os espaços convencionais, os diálogos negociados, a administração dos corpos.

Palavras-chave: segurança; ação direta; insurgentes; drogas; punição

ABSTRACT:

This article presents the issue of security under the reverberation of a direct action against conventional spaces, negotiated dialogues and administration of bodies.

Key words: security; direct action; insurgents; drugs; punishment.

Não há segurança pública sem liberdade, sem liberações. Se você quer militares, polícias, armas, armas, bandidos e mocinhos, seus bandidos preferidos, as mocinhas dos mocinhos, Estado, chefe e tribunal, então não há muito a fazer senão achar que essa roupa veste melhor.

Prefiro estar nu, ficar nu sem a intimidade cabotina de marmanjos em um vestiário esportivo.

Ser marginal é querer ser um burguês

— eu não gosto de heróis, adeus a essa Grécia longínqua e as suas esposas bordadeiras, mesmo recicladas em patroinhas e em feministas juramentadas até ministra, 1^a. Ministra, presidente..., coladas na imagem desgastada de homens de terno e chapéu, também corroída no visual de homens de abotoaduras e sapatos de bico fino —

ser marginal também é ser corpo esmagado pela polícia ou pelos comparsas da ocasião: ser marginal é viver dentro e fora, com suas seguranças ilegais, suas ilegalidades diárias, sua economia intrincada nos legalismos, com suas granas para agir segundo os príncipes, reis, presidentes; com a gana para se manter, e continuar fazendo guerra para/pela segurança pública.

Empresários, banqueiros, militares, policiais, traficantes, o guri, tudo pego, pegando e pagando mais; se protegendo em nome do *cidadão*, da liberdade reduzida a uma vã palavra, despida das lutas, encerrada e aprisionada em leis, regras, normas, procedimentos.

O revolucionário deseja ser o bom soberano:
alivia os erros e ultrapassa os males, os malditos e os infames.

O insurgente não dá sossego,
não procura se ver bom, mau, justo, preciso, respeitável e responsável:
é o não afirmativo, o difícil sim.
Não zela por espíritos, leis e juízos.

Não defendo, nem ataco: faço.
Meto-me mata adentro, céu afora, mares sob quaisquer ventos.
Estou no fogo!

Gosto de conversar; aprecio pessoas que querem palavras novas, sonoridades extravagantes por junção de letras, gemidos, raiva, por uma quase imprudência.

Só não converso com fascistas e similares.

Acho interessante estar num lugar em que posso desarmar, atizar para o outro lado, fazer arder, sorrir acintosamente — eu não disse gargalhada; essa só é boa na multidão —, passar por seqüestrador de melancolias, apresentar um inédito e me deliciar com os efeitos do incomum, *te* livrar do inconveniente e sussurrar uma ou duas de Hakim Bey.

Nada contra as drogas. Permaneço movido por tudo que *sei* delas, suas duas ou três coisas, os estados alterados, as palavras de Baudelaire e Errico Malatesta lembrando-nos que elas não modificam mediocridades nem produzem

genialidades: acentuam; que nunca haverá um tempo sem infelicidades. Será que os democratas apreciarão esta constatação de maioria?

Drogas pelo sim, drogas pelo proibicionismo, NÃO! Drogas pela saúde, lícitas e ilícitas, segundo convenções, tratados psiquiátricos, medicina, indústria farmacológica, forças armadas, empresas a favor e contra, tudo lucrativo e com escolinhas e psi-pra lá e pra cá: NÃO!

Você me dirá: liberar as drogas é beneficiar o capitalismo!

E eu responderei:

— Só me interessam os que cultivam estados alterados sem risco deliberado de morte [eu compreendo quem escolhe morrer], sem pretender intoxicar crianças com remédios contra “transtornos”, ou um louco *classificado* como doente mental aprisionado na moral surrada (esse amontoado de códigos fixos que habita a *incerteza científica*). Interessam-me os INCLASSIFICÁVEIS.

(Silêncio:

Eu aprecio o silêncio como acontecimento livre da ausência de sonoridades).

— Eu já te disse que depois da loucura ficar confinada em manicômios desde o seu encarceramento como doença-mental, a grande novidade atual da sociedade de controle, que *nos* convoca a participar, é soltar a loucura dos hospícios para aprisioná-la como transtornos, na criança pequenina, adultos e velhos.

Gosto de entrar e sair. Gosto de atravessar limites. Não habito a confortável linha da fronteira, sempre diplomática. **Gosto do risco de atravessar, do limiar, do último, o desconhecido. Mais do que questão de gosto, de existência.**

Se não há cura, mas administração da doença, que a infelicidade seja decisão de cada um. Não preciso de um soberano que cuide de mim me intoxicando do bom/bem e do ruim com ou sem redução de danos.

Quando V. me convoca a participar eu digo não; mas converso e é isso que estou propondo com essa resposta ao convite de VOCÊS: Estado, instituto e universidade.

Não me desperto para algo salutar vindo de um exército de traficantes — **sou inimigo de exércitos** — nem de usuários *fritados* pelo crack—, também sou avesso à caridade e à filantropia, **sou pelo apoio mútuo.**

Evito os lambedores de rios de mijó e escarros pelas sarjetas, porque eles querem isso, querem ser presas do tráfico, porque se acham poderosos circunstanciais, e de repente me ameaçam e me matam por uma *pedra* tão preciosa quanto a do anel,

brinco ou colar da patroinha ou da feminista juramentada que enfeita um macho 100%; mulheres bibelôs de seus gigolôs pobres ou *triliardários*, putas e garotões.

Qual impasse? Nunca houve; apenas proibir, medicar, normalizar, julgar, apartar, ser prestimoso e incluir. Reformar o mesmo, o repetitivo prato dos penalistas, suas aversões repostas, suas concordâncias retomadas por meio de seus renomados expoentes, mais ou menos democráticas, todos muito respeitados em seu rigor, erudição e instalação, renovando o léxico.

Qual impasse? Seguir adiante em progresso com leis mais ou menos, prisões mais ou menos fechadas ou a céu aberto: penas alternativas também são sentenças rigorosas. **Liberar as drogas!**

— *Ah, isso já não está mais na alçada do Estado-nação.*

— *Mas nunca esteve. Sempre foi internacional, com diplomacia, terror e ação militar de Estados.*

As drogas foram enquadradas pelo *proibicionismo*,
pelo puritanismo,
foram usadas para impérios colonizarem,
para governantes obterem sujeições,

cidadãos amarem o assujeitamento;
pelas *ações afirmativas*, too. E tu?.

Ninguém quer *enquadrar* essa droga de vida? E a essa droga de governo, de governo das drogas, de governo de Estado e de sociedade civil?

ESTÁ FORA DO JUÍZ, DO MINISTRO, DO PSI,
DO SOCIÓLOGO, DO ECONOMISTA, DO INTER, PLURI,
TRANSDISCIPLINAR, ALÉM DA ASSISTÊNCIA SOCIAL,
DO POLÍCIA, DO CARCEREIRO, DO *ESPIA*, DO SICÁRIO,
DAS SENTENÇAS; ESTÁ ALÉM DA VONTADE DE PRESOS
EM AMAR A PRISÃO, DA PRISÃO-INCLUSÃO,
DA PRISÃO REFORMADA PARA SER UM *LAR*.

A PERGUNTA NÃO É MAIS “O QUE FAZER?“, *mas como sair dessa empresa-Estado, desta forma-capitalista democrática asfixiante que governa em meu nome e quer meu corpo, epiderme e inteligência em troca de emprego, salários e direitos — em meu nome NÃO!*

Devorar a prisão e seus reformadores: ser antropofágico para derreter num moquém a retórica da ilustrada elite brasileira; ser nômade para destruir o chato acalanto em que transformaram as palavras vibrantes dos filósofos Deleuze&Gattari, fazendo vida *entre*. Entre nessa, MEU!

Quem rouba por fome não precisa da condescendência da lei; a bondade dos legisladores acoberta que a propriedade é o roubo!

LIBERAÇÃO DAS DROGAS, pela reviração interminável contra o regime do castigo; pela abolição da pena; pelo fim do direito penal...

De volta à longínqua Grécia, para não deixar de fora uma referência cultural inevitável, uma salutar lembrança: *sempre haverá uma droga!* Ela está na cultura; e que homens e mulheres não tentem livrar-se delas, pois cada vez que se dispuseram a purificar criaram infindáveis imolações.

Eram drogas de bárbaros, negros, estrangeiros, escravos, libertinos, liberados, monstros, anormais, doentes; drogas daqueles que anunciam os insuportáveis, às vezes de dor, muitas vezes de delícias e alegrias.

Era o mel, chocolate, café, açúcar, maconha, ópio, morfina, cocaína, heroína, crack, vinho, cachaça, CERVEJA, ambrosia, e agora são as

drogas sintéticas trazendo novos tráficos, ilegalidades, lucros e com eles os combatentes honrados saídos das universidades, das casas de famílias, das periferias, destes campos de concentração a céu aberto, da diplomacia, dos tribunais, laboratórios, da cama do proprietário, do filho do marginal, do aborto que jaz entre mijos e escarros pelas vielas e riachos.

Mostrei uma saída para o impasse. Coloque o pé e sinta o tamanho de um tornado que te leva depois às delícias da brisa. Isso não é nem nunca será uma metáfora. Nestes tempos comedidos, de conservadorismo moderado, e em que se acredita nos enquadramentos midiáticos sob a rubrica *esperança*: **não seja marginal, nem herói, não tema o limiar:**

atira-te ao desconhecido!

Fui. Cheguei na luta com palavras; e demais gestos, aromas, sutilezas e contundências. As conversas possíveis e improváveis quase sempre acontecem... Qual trajeto percorrerá o dedilhar do relator? Não gastem meu dinheiro comigo!

Edson Passetti. PUC-SP/ Departamento de Política, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e coordenador do Nu-Sol — Núcleo de Sociabilidade Libertária. Publicou entre outros livros: *Das fumèries ao narcotráfico*. (1991), *Anarquismos e sociedade de controle* (2003), *Curso livre de abolicionismo penal* (2004) *Anarquismo urgente* (2007) e em co-autoria com Acácio Augusto, *Anarquismos e educação* (2008). Coordena aulas-teatro é membro dos coletivos editoriais: Revista **verve**, boletim eletrônico mensal *hypomnemata* e do semanal *flecheira libertária*.

www.nu-sol.org

E-mail: passetti@matrix.com.br